

**“Latinidade e cidadania: apontamentos sobre modelos sociais animais na poesia, da Antiguidade ao Iluminismo”.**

A associação entre animais e certas qualidades e/ou características é recorrente na Antiguidade e a literatura latina está eivada de imagens e simbologia de origem animal. Uma relação bastante reiterada é a que se estabelece, por exemplo, entre a abelha e a mobilidade e a diligência, em poetas como Ovídio, Fedro, Sílio Itálico, Claudiano e Virgílio, entre outros.<sup>1</sup> No livro quarto das *Geórgicas*, o afamado poema didáctico virgiliano, há uma descrição da vida das abelhas que as aponta como modelo de organização social, destacando a sua dedicação ao bem comum.<sup>2</sup>

O tópico tornou-se num dos paradigmas literários da Antiguidade, tendo sido repetidamente retomado, por exemplo nas obras de poetas didácticos modernos, quer europeus, quer do Novo Mundo.

Referimo-nos especificamente a *Praedium rusticum* e *Rusticatio mexicana*. O poema *Praedium rusticum*, da autoria do escritor inaciano francês Jacques Vanière, cuja edição de Toulouse, em 1730, aborda a sociedade das abelhas no livro XIV (*Apes*), numa clara recuperação do tópico virgiliano.<sup>3</sup> A obra *Rusticatio mexicana*, publicada em Itália, já na

---

<sup>1</sup> Ovídio (*Ars amatoria*, I, 95-97), Fedro (*Apes et fuci ivespa iudice*, 57 Br.), Sílio Itálico (*Punica*, II, 215-221), Claudiano (*In Ruffinum*, II, 460-465; *De raptu*, II, 124-127) e Virgílio (*Geórgicas*, IV; *Eneida*, I, 430-436; VI, 707-709). Os poetas não foram os únicos a investir a abelha de simbologia própria. Por exemplo, Plínio-o-Velho dedica-lhe extensa atenção, valorizando, entre outros, aspectos como a diligência e a organização social (*N.H.*, XI, 4, 11-23, 70). Veja-se também, a propósito da abelha, Varrão (III, 16, 18) e Columela (IX, 3, 3, e XIV, 20). Para confirmar simbologia semelhante deste insecto em poetas e, ainda, outras simbologias deste artrópode, cf. Maria Isabel Dias da Silva Rebelo Gonçalves, *Imagens e símbolos animais na poesia greco-latina*, Lisboa, Faculdade de Letras, 1983, Vol. 2, pp. 224 e 301.

<sup>2</sup> Cf. *Geórg.*, IV, vv. 149 sqq.: *Nunc age, naturas apibus quas Iuppiter ipse / addidit expediam, pro qua mercede canoros / Curetum sonitus crepitantiaque aera secutae / Dictae caeli regem pauere sub antro. / Solae communis natos, cosortia tecta / urbis habent magnisque agitant sub legibus aeuom / et patriam solae et certos nouere Penatis;* – “Maintenant allons! Je vais exposer l’instinct dont Jupiter lui-même a doté les abeilles pour les récompenser d’avoir, attirées par la musique bruyante des Curètes et le crépitement de l’airain, nourri le roi du ciel sous l’antre de Dicté. Seules elles élèvent en commun une progéniture; seules elles possèdent en commun les abris d’une cité et passent leur vie sous des lois imposantes; seules elles connaissent une patrie et des pénates fixes;”

<sup>3</sup> Referimo-nos à primeira edição integral de *Praedium rusticum* (Tolosae, Apud P. Robert), de Jacques Vanière (1664-1739). A obra foi sendo editada, com bastante frequência e em tradução em várias línguas, a partir dos finais do século XVII (1696) – existe na BN a trad. francesa de M. Berland, (*Oeconomie rurale*, 2 vols. Paris, Frères Estienne, 1736). Alguns livros foram publicados também em separado (tal sucedeu com o livro das abelhas, entre outros).

segunda metade do séc. XVIII, pelo poeta jesuíta Rafael Landívar, procura, por sua vez, emular a anterior obra de Vanière e descreve, entre outros aspectos, a sociedade dos castores (*Fibri*).

Esta comunicação pretende evocar, de forma breve, o modo como são apresentadas neste texto concepções políticas e sociais que, embora procurem adaptar e integrar os ideais do Iluminismo, já presentes na obra de Vanière, filiam ainda no modelo literário virgiliano.

Em 1781, Landívar faz publicar em Modena, um poema didáctico latino, em dez livros, intitulado *Rusticatio mexicana*.<sup>4</sup> O sucesso da obra foi tal que um ano depois, em 1782 e em Bolonha, seria editada uma segunda edição revista e aumentada com mais cinco livros. Nesta edição, aquela a que nos reportamos, o livro dos castores é o sexto.<sup>5</sup>

De origem guatemalteca, Rafael Landívar nasceu em 1731 na cidade de Santiago de los Caballeros na Guatemala – que é hoje conhecida por Antigua. Em 1749 abandona a Guatemala e fixa-se no México, em Tepetzotlán, onde, em 1750, faz o seu ingresso formal na Companhia de Jesus. Em 1761, regressa à Guatemala, de onde seria deportado em 1767, no rescaldo da “Pragmática Sanción” do monarca católico espanhol Carlos III, que determina o desterro dos jesuítas dos domínios do reino e o confisco de todos os bens da Companhia de Jesus. A *Rusticatio mexicana* foi escrita durante o período em que o autor procurou refúgio na cidade italiana de Bolonha, onde viria a falecer em 1793.<sup>6</sup>

---

4 *Rusticatio mexicana, seu rariora quaedam ex agris mexicanis decerpta, atque in libros decem distributa*, Mutinae, Apud Societatem Typographicam, 1781.

5 *Rusticatio mexicana, editio altera auctior, et emendatior*, Bononiae, Ex Typographia S. Thomae Aquinatis, 1782. O sexto livro tem 369 vv. A tradução dos extractos da *Rusticatio mexicana* é da nossa responsabilidade.

<sup>6</sup> Para informação completa relativamente à vida e obra de Landívar, cf. José Mata Gavidia, “Introducción” in Rafael Landívar, S.J., *Rusticatio mexicana*, Guatemala, Editorial Universitaria, 1950, pp. 11-108, Faustino Chamorro González, “Introducción” in Rafael Landívar, S.J., *Rusticatio mexicana*, San José, Costa Rica, Libro Libre, 1987, pp. xiii-xxxvi e Antony Higgins, *Constructing the criollo archive: subjects of knowledge in the “Bibliotheca mexicana” and the “Rusticatio mexicana”*, West Lafayette, Indiana, Purdue University Press, 2000, p. 112. A Companhia de Jesus foi sendo expulsa progressivamente de vários países: 1759 – Portugal (Pombal); 1762 – França (Luís XV); 1767 – Espanha (Carlos III) estados de Nápoles e Parma; 1773 – Áustria (Maria Theresa). A supressão completa da Ordem viria a ser decretada pelo Breve *Dominus ac redemptor* (Roma, 21 de Julho de 1773) do Papa Clemente XIV. No entanto, a Companhia de Jesus nunca deixou de existir e os padres foram-se refugiando nos países que o permitiam. Para uma visão abrangente sobre este assunto, ver Steven Harris, “Mapping Jesuit science: the role of travel in the geography of knowledge”, in John W. O’ Malley, S.J. et al. (eds.), *The Jesuits: cultures, sciences, and the arts 1540-1773*, Toronto, University of Toronto Press, 2000, pp. 212-240.

A abrir o livro que dedica aos castores, Landívar refere as regiões geográficas habitadas por estes mamíferos, apresentando-os como conjunto indistinto de entre os vários animais que vagueiam pelas florestas da Nova Espanha (vv. 11-13). A Nova Espanha que Landívar canta no seu poema, corresponde hoje em dia ao México; mas incluía a sul zonas que hoje fazem parte do território da Guatemala e das Honduras.

O poeta começa por descrever as características físicas dos castores (vv. 16-38). Observa, primeiramente, que este mamífero tem uma camada dupla de pêlo fofo. A parte interior é de tal qualidade que é empregue para fazer chapéus destinados à cabeça dos reis (*uertice Regum*) pois é comparável à seda, pela suavidade do toque (vv. 16-21). Depois refere que a cabeça quadrada é notável pelos pequenos olhos, orelhas quase perfeitamente redondas e grandes dentes (vv. 22-26). Em terceiro lugar, afirma que a natureza equipou o animal com dedos aduncos e garras, e que as patas, ainda que disformes devido à membrana interdigital, permitem ao castor deslocar-se, quer na água, quer em terra (vv. 27-32). Por fim, o leitor fica a saber que a cauda estranha e de múltiplas escamas deste roedor está protegida da humidade e lubrificada por um óleo que o castor segrega e guarda numa bolsa debaixo do seu ventre (vv. 33-38).<sup>7</sup>

Apresentado como um ser de membros disformes e aparência estranha (*Sed turpes quamuis, insuetosque induat artus* v. 39), tão pouco conforme às normas neoclássicas de beleza, que interesse terá o castor? É que este mamífero destaca-se pela bondade e generosidade naturais (*ingenuos ... mores*, v. 40). Não ataca o inimigo com os seus dentes,<sup>8</sup> não se deixa arrastar

---

<sup>7</sup> A tradição naturalista aceitava que o castor era capaz de separar-se dos seus próprios testículos para se livrar dos caçadores que os cobiçavam. Acreditava-se, com efeito, que era neles que era produzido e se acumulava o *castoreum*, designação dada pelos físicos da altura. Diz-nos Plínio (*N.H.*, VIII, 47, 109): *Eadem partes sibi ipsi Portici amputant fibri periculo urgente, ob hoc se peti gnari; castoreum id vocant medici*. Também se acreditava, por outro lado, que a urina do castor possuía propriedades anti-venenosas, pela qual era acrescentada aos antídotos (cf. Plínio, *N.H.*, XXXII, 3; ver também, a propósito deste animal, Eliano, VI, 34). Na poesia latina, o *fiber* traz igualmente associada a ideia de fuga (cf. Sílio Itálico, *Pun.*, XV, 485-487 e Juvenal, XII, 34-36).

<sup>8</sup> Recorde-se a descrição de Plínio: *Alias animal horrendi morsus arbores iuxta flumina ut ferro caedit; hominis parte comprehensa, non ante quam fracta concreperint ossa morsus resoluit. Cauda piscium his, cetera species lutrae. Utrumque aquaticum, utriusque mollior pluma pilus*. – “Du reste, le castor est un animal dont la morsure est terrible; sur le bord des fleuves il coupe les arbres comme avec un fer; quand il a saisi un membre, il ne desserre pas les dents avant d’avoir entendu craquer les os brisés. Il a la queue d’un poisson; pour le reste, il ressemble la loutre. Ces deux animaux sont aquatiques; tous les deux ont un poil plus doux que la plume.” (*H.N.*, VIII, 47, 109).

pela raiva, pela sede de vingança ou perturbar pela gula (vv. 41-46). Em suma, o castor ambiciona a paz e deseja, acima de tudo, manter a sua liberdade.

Só quando está preso revela desespero e impaciência, enchendo de queixumes e gemidos a jaula onde está cativo e procurando romper a prisão que o encerra, para voltar à sua casa na floresta (vv. 47-54). Se na sociedade apícola descrita por Vanière, em vez da ganância e do ódio prevalecem a generosidade e o amor; na *respublica* dos castores, por seu lado, como lhe chama Landívar (v. 298)<sup>9</sup> e tal como a apresenta, existe também um forte sentido de comunidade: os castores são nobres, amantes da paz e igualmente libertos de sentimentos como o ódio ou a vingança, por exemplo.

Para além das características já apontadas, Landívar destaca, sobretudo, o espírito desperto (*uigil ingenium*, v. 56) deste roedor e a habilidosa diligência (*sollersque industria*, v. 56) que demonstra nas suas actividades quotidianas. Recorde-se o modo como se comporta nas tarefas específicas da construção do dique e da represa do rio (vv. 74-142), na construção da cidade (*urbem*, vv. 143-157), e na disposição e na limpeza da sua casa (vv. 158-189):

Hunc etiam placuisse Fibris mirabere morem,  
quod uigil ingenium, sollersque industria ripis  
hospitium populo, fluuiisque repagula condat,  
ingentemque urbem tranquilla pace gubernet.  
Vix etenim Phoebus, raptio in sublimia curru,  
lampade succendit fulgenti Sidera Cancri,  
cum subito pecudes, siluarum pube coacta,  
conuenient, urbisque parant attollere molem,  
perfugium sociis, et propugnacula bello.  
Explorant saltus, fluuiosque, et amoena paludis  
littora, ubi tacitae frondescant arbore ripae.  
Area tranquillī non raro ad fluminis undas  
deligitur; gaudetque amnes habitare iuuentus.

<sup>9</sup> É possível estabelecer correlações entre o modelo de sociedade apícola e o dos castores, mas o mesmo sucede com o modelo social das formigas. Plínio, por exemplo, alude ao trabalho em grupo, à capacidade de encontrar alimento e utiliza o termo *respublica* para se referir à comunidade de formigas, comparando-a com as abelhas: *et hae communicantes laborem ut apes; sed illae faciunt cibos, hae condunt. Ac si quis conparet onera corporibus earum, fateatur nullis portione uires esse maiores. (...) Et his reipublicae ratio, memoria, cura. (...) Iam in opere qui labor, quae sedulitas!* – “Elles travaillent en commun, comme les abeilles; mais celles-ci fabriquent leurs aliments, celles-là les emmagasinent. Et si l’on compare la taille des fourmis aux fardeaux qu’elles portent, on conviendra qu’aucun animal n’a proportionnellement plus des forces.” (...) “Elles aussi ont un régime politique, de la mémoire, de la prévoyance.” (...) “Dans le travail, quelle ardeur, quelle diligence!” (*N.H.*, XI, 36, 108, 109). Virgílio (*Eneida*, IV, 402-407), Fedro (*Formica et musca* 90 Br.), Juvenal (VI, 359-361) e Aviano (*De formica et cicada*, XXXIV, 17, 20), por exemplo, destacam na *formica* qualidades como a diligência e a previdência. Sobre outras simbologias deste insecto em poetas gregos e latinos, cf. Gonçalves, *Imagens e símbolos animais*, Vol. 2, pp. 237 e 303.

Ne tamen alluuiēs aedēs inopina reuēllat,  
concutiat socios, urbemque a culmine uertat,  
ante domos ripis ponat quam callida turba,  
obiicit e truncis densata repagula riuīs  
illuuiem ut frenent, aequataque flumina ducant.

Admirável também é este costume que tem agradado aos castores, devido ao seu espírito desperto e habilidosa diligência, que consiste em construir albergues para o povo nas margens dos rios, represas nas correntes, e governar a grande cidade em tranquila paz. Dificilmente o faz Febo, enquanto percorre os céus no seu carro e incendeia a constelação de Caranguejo com a tocha ardente, quando subitamente manadas [de castores], reunidos os seus membros dos bosques, se agrupam e começam a construir uma grande cidade, um refúgio para os seus companheiros e uma defesa contra a guerra. Eles exploram os bosques, os cursos de água e os agradáveis lagos, onde margens sossegadas alinham árvores frondosas. Não é pouco usual que escolham uma área junto a um rio tranquilo; e os seus jovens gostam de viver nas águas. Contudo, para que uma súbita cheia não inunde as suas casas, nem assuste os seus membros e destrua na íntegra a cidade, a multidão, prudente, antes de construir as suas casas, coloca barreiras compactas de troncos no meio dos rios, por forma a restringir e a controlar a corrente. (vv. 55-72)

Neste passo, os castores são apresentados pela primeira vez como um colectivo, uma multidão (*turba*, v. 70), designação que será retomada várias vezes ao longo do poema para os referir (cf. vv. 99; 143; 167; 214; 275; 300; 323; *turbae*, v. 160). São, por isso, uma comunidade capaz de perseguir objectivos conjuntos, em prol do bem de todos os seus membros. Aliás, a utilização de termos como *gens* (“gente”), *iuuentus* (“gente jovem”) e *populus* (“povo”), entre outras,<sup>10</sup> concorrem para antropomorfizar o castor, equiparando-o ao cidadão de direito da sociedade humanizada que Landívar propõe como modelo.

Interessante argumento em defesa do carácter refinado do castor é, por exemplo, o cuidado que manifesta com a construção da sua casa e com o asseio na sua manutenção. O espírito artístico deste mamífero é destacado no texto pela comparação que se estabelece entre o roedor e um artífice especializado. Se o autor não recorre ao jogo de palavras entre *faber* (“artífice”) e *fiber* (“castor”), preferindo antes o sinónimo *opifex* – para comparar a actividade do castor com a do pintor/decorador, que enfeita o palácio de um grande senhor –, é certo, porém, que não compromete com a sua opção a expressividade do extracto seguinte:

Quin etiam pubes grati studiosa nitoris  
perpolit agresti tectorum moenia luxu.  
Quare udo manibus limo per rura coacto  
conficit expertis mixtum durabile plantis,

<sup>10</sup> Cf., várias ocorrências: *pubes*, vv. 74; 88; 104; 131; 172; 185; 228; *gens*, vv. 134; 267; *cohors*, vv. 94; 225; *populo*, v. 101; *populi*, v. 224; *populus*, v. 244; *iuuentus*, vv. 114; 190; *moles*, vv. 123; 127; *legio*, vv. 146; 252; *agmina*, vv. 192; 205; *caterva*, v. 196; *natio*, v. 231.

irroratque domum cauda, duratque, politque.  
Vt solet interdum penetralia celsa potentum  
obturare opifex, murosque, et tecta polire,  
turpibus obsistant auratae ut sordibus aedes,  
ocius aut labes leui de fornice pellant:  
haud aliter Fibri, nitido gens inclita cultu,  
flumineis quaerunt laribus, seruantque nitorem.  
Inde locum gnauis propria intra moenia lectum  
obducunt, ramisque apte frondentibus ornant.  
Guadet enim luco pubes assueta uirenti  
lucorum speciem iuxta intra tecta locare.  
Non ita formoso magnatum tecta decore  
resplendent, muri quantumuis serica gestent,  
argentumque, aurumque una laquearia uelent.

Também amante da agradável elegância, esta gente faz polir os muros destas mansões com luxos rústicos. Para isso do húmido limo que à mão recolhe nos campos, fabrica com os hábeis pés uma mistura durável e, usando a sua cauda, cobre a casa, torna-a resistente e limpa-a. Assim como o artista costuma cobrir os amplos salões de grandes senhores e logo limpar-lhes muros e tectos, a fim de impedir que os recintos dourados se sujem, ou ainda evitar a sua queda rápida; assim os castores, raça distinta que procura um polido asseio, buscam e mantêm em total aprumo as suas casas fluviais; diligentes, cobrem e adornam com gosto no próprio recinto um lugar elegido de folhas e grinaldas. Pois agrada a esta gente, habituada ao verde da floresta, formar junto a si e dentro de casa a imagem do bosque. Nem a casa do grande senhor resplandece com tanta formosura e decoro, por mais que os muros se vistam de seda e juntos o ouro e a prata cubram os tectos. (vv. 172-189)

Na sociedade descrita pelo francês Vanière, o modelo que apresenta maior proximidade com a obra em apreço, não existe riqueza privada e cada abelha dedica-se às tarefas da sua preferência; na utopia landivariana, por seu lado, os castores são felizes no trabalho e a divisão das tarefas é factor de harmonia colectiva:

Impigra mox ripas se fundit turba per omnes:  
quisque suas explet partes, sua munera quisque.  
Pars findunt teretes frondoso littore truncos,  
pars lentos caedit uiridanti ex ilice ramos,  
et pars argillae cumulos umentis aceruat.  
Feruet opus, Siluamque cohors operosa fatigat.

Diligente a multidão reparte-se, num instante, por ambas as margens: cada qual desempenha a sua parte e o seu próprio dever cada qual. Uma parte talha na margem frondosa troncos cilíndricos; outra parte corta os ramos flexíveis do carvalho carregado de folhas; e parte acumula montões de húmida argila. O trabalho ferve e o grupo atarefado vence a floresta. (vv. 89-94)

A família e a fidelidade entre parceiros são traços igualmente importantes da sociedade dos castores, como se evidencia nos versos seguintes:

Quaelibet at legio proprios educere fetus,

progenieque noua certat protendere gentem.  
Femina constanti semper iucunda marito

Mas cada família educa as suas crias e se empenha por estender a estirpe com nova geração, pois é sempre graciosa a fêmea ao constante marido (vv. 252-254)

O bem estar social está dependente da abundância de alimentos, que os castores devem constantemente procurar:

Turba dein complet dapibus de robore sectis  
horrea uasta domus socio fabricata labore,  
ordineque arboreas epulas insomnis aceruat,  
aptius ut socii lucorum frusta resumant.

A multidão depois vai enchendo os enormes celeiros, edifício fabricado colectivamente, com alimentos cortados do carvalho, e em ordem acumula as espécies vegetais, de modo a que os companheiros consumam correctas porções de alimentos dos bosques. (vv. 214-217)

Mas esta harmonia decorre também, em grande medida, do direito ao ócio de que aproveitam os indivíduos, como se refere noutro passo do poema:

Interea populus fluuiali sede relictus  
alternis corpus uento recreabit, et amne.  
Nunc siquidem patulis effundit membra fenestris,  
iucundasque capit, Zephyris halantibus, auras,  
nunc gelidas fluuii postica immergit in undas  
membra cohors, ulnasque fenestrae in limine ponit.  
Sic ignaua diu pubes operosa laborem  
praeteritum sarcit, lymphisque refrigerat artus.

Entretanto o povo que mora na cidade fluvial fará recrear o seu corpo alternando com o vento os banhos. Já estira e descansa os seus membros em amplas janelas e capta as brisas agradáveis que Zéfiro exala; já à porta o grupo mergulha os corpos nas gélidas águas do rio, e se apoia de costas na entrada. E assim por algum tempo indolente, esta gente atarefada retempera [o corpo de] fátigas passadas, e refresca nas águas os seus membros. (vv. 244-251)

Gozar de liberdade, ter uma casa e, perante a comunidade (e sua lei), ser encarado como igual aos demais são, a atestar pelos exemplos apresentados, direitos civis do castor; mas Landívar atribui-lhes outros, de índole política e social, como sejam o direito de participar activamente no destino da sociedade e a possibilidade de desempenhar uma actividade e receber determinada recompensa pelo trabalho efectuado.

Dos extractos lidos decorrem, pois, ideais de diligência e de organização metódica, na prossecução e obtenção de objectivos comuns, que a figura do castor encarna. Estas representações delineiam uma espécie de quadro alegórico que procura espelhar a sociedade

americana da Nova Espanha enquanto entidade, antes de mais, eficientemente estruturada e produtivamente empenhada.<sup>11</sup> Esta utopia que é a República dos castores assenta, portanto – além da natural bondade e generosidade dos seus constituintes, da paz e liberdade enquanto factores da coesão social – em valores como a sensibilidade estética, a racionalidade e a diligência.

O castor, criatura de aspecto físico tosco, como foi referido antes, é-nos apresentado com um carácter quase humano e elevada nobreza nas suas acções. Desta forma se fornece também uma representação amável do Novo Mundo aos leitores europeus – não esqueçamos que Landívar redige a *Rusticatio mexicana* em Bolonha e que ela terá sido lida, em primeira mão, por europeus ou pelos companheiros de exílio de formação jesuítica, quer americanos, quer europeus.

Mais do que ler a alegoria landivariana como a utopia de uma República dos castores sobredeterminada ideologicamente pelo seu autor e pela educação ministrada pela Companhia de Jesus,<sup>12</sup> interessa afirmar, à guisa de conclusão, como Higgins, que o espaço americano é descrito neste sexto livro – *Fibri*, “os castores” – não como um “deserto indomável, mas simultaneamente como contexto e produto de uma dialéctica do artifício e da natureza”.<sup>13</sup>

### Alexandra de Brito Mariano

---

<sup>11</sup> Permitem igualmente reiterar esta ideia apreciações que atestam preocupação de rigor e cientificidade por parte do autor, como aliás era comum no século XVIII. Por exemplo, Landívar cita, no livro seis, o *Dictionnaire raisonné universel d’histoire naturelle*, de Jacques Bomare, em particular a entrada “Castor”. Na *Rusticatio mexicana* encontram-se inúmeras atestações de obras de carácter científico: William Robertson (*Historia de América*), Ambrosio Calepino (*Diccionario de la lengua latina*), Jacopo Facciolati (*Dictionarium undecim linguarum*), Francisco Hernández (*Historia de las aves de Nueva Espanha*), entre outras; também são referidos vários autores e obras jesuítas coevas entre as quais figura *Praedium rusticum* de Jacques Vanière. Sabe-se, por outro lado, que eram bem conhecidas nas colónias americanas espanholas, no século XVIII, as obras de autores como Descartes, Newton, Leibniz, Locke, Gassendi, Voltaire, Rousseau, d’Alembert. Cf. Arnold L. Kerson “Raphael Landívar’s ‘Rusticatio Mexicana’ and the Enlightenment in America.”, in Ian D. McFarlane (ed.), *Acta conventus neo-latini Sanctandreami: proceedings of the fifth international congress of neo-latin studies, St. Andrews, 24 August to 1 September 1982*, Binghamton, New York, Center for Medieval and Early Renaissance Studies, University Center at Binghamton, 1986, pp. 587-588.

<sup>12</sup> Os valores e aptidões inculcados e desenvolvidos, desde a mais tenra idade, nas classes de gramática básica, média e superior, humanidades e retórica dos colégios jesuíticos tinham um reflexo notório na orientação e exercício do apostolado inaciano. Estes valores e aptidões da pedagogia humanista jesuítica, que acompanhavam o indivíduo ao longo da vida, podem ser epitomizados em seis termos cardinais: disciplina, diligência, destreza, ostensão, dificuldade, distinção.

<sup>13</sup> Cf. Higgins, *Constructing*, p. 177: “the vision of American space not as indomitable wilderness, but both context and product of a dialectic of artifice and nature.”

## Bibliografia

BETHELL, Leslie (ed.), *The Cambridge history of Latin America, Vol. 2: colonial Latin America*, Cambridge, New York, Melbourne, Cambridge University Press, 1989, esp. pp. 105-151; 265-319; 663-704.

GONÇALVES, Maria Isabel Dias da Silva Rebelo, *Imagens e símbolos animais na poesia greco-latina*, Lisboa, Faculdade de Letras, 1983, 2 vols. [Tese de doutoramento]

O' MALLEY, John W., S.J. et al. (eds.), *The Jesuits: cultures, sciences, and the arts, 1540-1773*, Toronto, University of Toronto Press, 2000.

HIGGINS, Antony, *Constructing the criollo archive: subjects of knowledge in the “Bibliotheca mexicana” and the “Rusticatio mexicana”*, West Lafayette, Indiana, Purdue University Press, 2000.

KERSON, Arnold L., “Raphael Landívar’s ‘Rusticatio mexicana’ and the Enlightenment in America.”, in Ian D. McFarlane (ed.), *Acta conventus neo-latini Sanctandreami: proceedings of the fifth international congress of neo-latin studies, St. Andrews, 24 August to 1 September 1982*, Binghamton, New York, Center for Medieval and Early Renaissance Studies, University Center at Binghamton, 1986, pp. 587-596.

LANDÍVAR, Raphael, S.J., *Rusticatio mexicana, seu rariora quaedam ex agris mexicanis decerpta, atque in libros decem distributa*, Mutinae, Apud Societatem Typographicam, 1781.

\_\_\_\_\_, *Rusticatio mexicana, editio altera auctior, et emendatior*, Bononiae, Ex Typographia S. Thomae Aquinatis, 1782.

\_\_\_\_\_, *Rusticatio mexicana*, introd. e trad. castelhana de José Mata Gavidia, Guatemala, Editorial Universitaria, 1950.

\_\_\_\_\_, *Rusticatio mexicana*, introd. e trad. castelhana de Faustino Chamorro González, San José, Costa Rica, Libro Libre, 1987.

LOCKHART, James e SCHWARTZ, Stuart B., *Early Latin America: a history of colonial Spanish America*, Cambridge, New York, Melbourne, Cambridge University Press, 1999.

PLINE l' ANCIEN, *Histoire naturelle*. Livres VIII-XI, ed. bilingue; trad. francesa de A. Ernout, E. de Saint-Denis e R. Pépin. 4 vols., Paris, Les Belles Lettres, 1947-1961.

RODRIGUES, Francisco, S.J., *A formação intelectual do jesuíta: leis e factos*, Porto, Magalhães & Moniz, 1917.

SOMMERVOGEL, Carlos, S.J. et al. (eds.), *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, 12 vols., Brussels, Oscar Schepens; Paris, Alphonse Picard, 1890-1932.

VANIÈRE, Jacques, S.J., *Apes*, Tolosae, Apud G. Henault, 1727.

VIRGILE, *Géorgiques*, ed. bilingue; introd., notas e posfácio de J. Pigeaud; trad. francesa de E. de Saint-Denis, Paris, Les Belles Lettres, 1998.